



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

A experimentação do cinema em escolas tomadas como lugar de encontro

Marina Mayumi Bartalini

Faculdade de Educação - Unicamp

marinamayu@gmail.com

Resumo

Ao tomarmos a escola como lugar da multiplicidade e do encontro, em que trajetórias diversas atravessam os processos continuamente, cartografamos os percursos das produções/projeções em duas escolas que foram campo para práticas experimentais de cinema em oficinas de formação de docentes. As experimentações audiovisuais atuaram como disparadoras de movimentos, permitindo o acompanhamento dos percursos que foram suscitando pistas que levaram à criação de linhas de possibilidades tanto para o cinema, quanto para a escola. As proposições das oficinas foram orientadas pela invenção de vídeos posteriormente projetados em locais da escola que apresentavam condições de luminosidade variadas, ora natural, ora artificial, para além da sala escura do cinema. Ver produções nacionais de cinema e vídeoarte, produzir vídeos experimentais, promover rodas de conversa, para em seguida projetar em locais inusitados de maneira interventiva, foram os métodos que conformaram telas de múltiplas formas e tamanhos, diversidades de texturas visuais, cores, contrastes às imagens, trazendo ao cinema uma proposta de ruptura da tradicional tela retangular. Foi na intersecção entre o campo do cinema e das artes visuais que encontramos referências fundamentais para a construção de um cinema menor, no sentido de escape das lógicas de consumo do cinema comercial. A busca por uma experiência coletiva de produção e exibição, apostou na potência da arte, canalizada por práticas experimentais de cinema que, no encontro com a escola, arrastam-se deixando rastros, misturando-se a ela para ampliar a realidade daquele lugar cheio de vida, demandas, pluralidades, corpos, vontades, singularidades, desejos e afetos.

Palavras Chave: Escola; Cinema; Educação; Formação de professores.

A escola pública, especificamente duas delas, foi o lugar onde se realizaram, durante dois anos, oficinas de formação de cinema para professoras/es que criaram seus audiovisuais e também buscaram diversificadas formas de exibi-los na escola por meio de projeções inusitadas nos espaços externos ao prédio escolar. Trataremos de trazer para a presente escrita alguns aspectos da tese finalizada em 2021 relacionados à experimentação do cinema na escola.

O que pode a escola e o cinema quando a sala não é escura? foi a indagação que atravessou cada uma das oficinas e também a tese Para além da sala escura: encontros entre cinema e educação. Não havia nenhuma pretensão de respondê-la e sim experimentar os processos que pudessem levar à reflexão dessa questão.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

As propostas dos encontros de formação consistiram em provocar cada participante a inventar imagens que eram posteriormente exibidas em locais claros da escola para propor ao cinema o desafio de exibir um filme em um local não habitual para ele. Essa exibição/experimentação se deu por meio de projeções que funcionaram como intervenções em locais escolares que instauraram telas de múltiplas formas e tamanhos quando hibridizadas com as texturas das superfícies.

A escola pública foi estrategicamente escolhida como campo de pesquisa. Essa escolha deu-se por entendê-la como lugar da diferença, onde convergem pessoas de distintas faixas etárias, lugares, gêneros, raças, classes e culturas.

A suspensão dos momentos em que a escola está focada em civilizar, instruir e educar permite que criemos espaços em que a utilidade e aplicação dos conteúdos transmitidos sejam desconcertados, desajustados para que possam transitar e ganhar sentidos para além dos já esperados. A escola pública como lugar de encontro de uma heterogeneidade de pessoas é, portanto, como um refúgio, uma clareira, como nos diz López (2014), que permite um respiro para que coisas ainda sem nome possam habitá-la e trazer-nos novas perspectivas desde múltiplos pontos de vista.

A escola é um terreno fértil para a proliferação de sementes onde o pensamento crítico e criativo que ali habita pode, pela via do cinema, ganhar mais brilho e expressão.

As oficinas de cinema buscaram desestabilizar as definições que aprisionam a escola como lugar capturado, da ordem, da transmissão de conteúdos e da disciplina. Tratamos de fazer variar essa corriqueira definição que fixa a escola como lugar restrito onde se dão aprendizagens de conhecimentos universais, obrigatórios, progressivamente transmitidos, que contribuem para a manutenção de determinada ideia de nação.

A possibilidade de realização de um encontro qualificado entre cinema e educação deu-se no âmbito de oficinas de formação para professoras/es de escolas municipais de Campinas, que aconteceram efetivamente quando, em 2016, foi instituído o "Programa Cinema & Educação - A Experiência do Cinema na escola de Educação Básica Municipal". Esse Programa conta com a parceria e colaboração do grupo de pesquisa Grupo OLHO -



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Laboratório de Estudos Audiovisuais. A formação por meio de oficinas de cinema em escolas municipais tem sido desde então o contexto educacional em que a ideia de cinema se dá a partir da prática artística e social. As oficinas pautam-se pela variedade de experimentações com câmeras, principalmente de celulares, que são os aparatos acessíveis que já fazem parte da cultura de produção de imagens.

O encontro com profissionais envolvidas/os no Programa foi um campo fértil de aprendizagens e surpresas para todas/os. Debates, oficinas, congressos e os encontros das disciplinas na universidade onde habitualmente nos encontrávamos ajudaram-nos a compreender a importância do "fazer cinema" crescer dentro das escolas, por acreditarmos ser ele uma forma interessante para uma conversa que se dê pela arte, no dizer pelas imagens e sons por meio de práticas de invenção constante.

Poderá o cinema e seus processos definidos por toda uma cadeia industrial, que envolve grandes produtoras, distribuidoras e salas de exibição, quando deslocado de seu contexto convencional, contaminar-se com a escola? O deslocamento do cinema convencional poderá ganhar outras nuances, outras percepções num contexto não comum a ele? A escola poderá contaminar-se com o cinema quando ele ali chega de maneira menos contemplativa e mais propositiva?

As escolas com as quais estivemos em contato já estavam atravessadas por alguma(s) trajetória(s) cinematográfica(s): vídeos com o intuito de transmitir mensagens em reuniões pedagógicas; sessões de cinema como entretenimento em dias festivos; registro audiovisual de atividades para serem mostradas às famílias; recursos didático-pedagógicos com exibição de filmes escolhidos por sua narrativa e conteúdo para ilustrar matérias específicas durante as aulas, etc. Permitimo-nos estar na escola com um corpo em trânsito, trazendo conosco um turbilhão de coisas e pensamentos que já carregávamos dos acúmulos de leituras e discussões sobre cinema e educação em nossos grupos de pesquisa.

Certamente, estar em campo junto a outras pessoas e num lugar diferente daquele habitual para nós, que é a universidade, levou-nos a atualizar memórias escolares dos tempos de infância. Muitas vezes as referências já cristalizadas das formas escolares marcam os



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

corpos fazendo com que o olhar se endureça para os prédios escolares. A imagem das escolas como locais de aprisionamento e domesticação dos corpos, obtida à primeira vista, foi sendo aos poucos desconstruída para permitir a passagem de novas experiências que aquele encontro poderia suscitar. "Viajar entre lugares é mover-se entre coleções de trajetórias e reinserir-se naquelas com as quais nos relacionamos" (MASSEY, 2013, p. 190). Permitir-se conhecer o que cada espaço escolar trazia consigo e também introduzir um novos conjuntos de trajetórias foram maneiras de desconstruir o olhar viciado e superficial sobre aqueles lugares, para poder enxergá-los abarcando toda sua complexidade.

As maneiras singulares de ver o mundo de cada docente somaram-se às proposições de cinema que puderam fazer das imagens e sons corriqueiros habitados nos prédios escolares algo mais latente. Na medida em que pensamos a escola (dentro de tudo o que ela pode ser) também como o lugar do sentir e experimentar, potencializamos a possibilidade de experienciá-la com curiosidade, deixando-nos atravessar pela via da observação ativa e de todos os sentidos do corpo para além da visão. Ao invés de nos preocuparmos o tempo todo em capturá-la pela linguagem, em falar sobre ela e colocar o vivenciado em palavras, antes de mais nada buscamos uma postura de abertura para as possibilidades de atravessamentos que aqueles momentos de oficina poderiam traçar em nossos corpos.

As diferenças de iluminação natural e artificial dos locais internos e externos aos prédios escolares atuaram como o “problema” da presente investigação. Pensar o encontro entre cinema e escola, as produções audiovisuais e as diversas possibilidades de projeção de imagens para além da sala escura foi a questão que moveu nossas ações investigativas. Um “problema” de pesquisa é aquele que nos leva a pensar e não algo a ser eliminado, exigindo uma resolução ou resultado específico.

Os encontros proporcionados pelas oficinas de cinema que aconteceram entre 2017 e 2018 foram conformando uma cartografia repleta de elementos de diversas ordens. Alguns deles mais e outros menos relevantes para o problema de tese proposto. Algumas pistas foram levantadas para que fosse possível encontrar caminhos que mobilizassem o pensamento em



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

torno da questão da necessidade ou não da sala escura para que o cinema acontecesse na escola.

As distintas nuances de iluminação da escola foram o mote criativo que desafiaram a escuridão inerente à arquitetura das salas de projeção tradicional dos cinemas, totalmente adaptadas para gerarem um tipo específico de recepção fílmica atrelada a uma narrativa linear e à experiência individual e intelectual com os filmes.

Pensar num cinema para locais não necessariamente escuros é um desafio para a exibição, pois a projeção audiovisual depende de locais onde haja escuridão para que a nitidez das imagens seja garantida. Se as salas escuras de projeção acabam por influenciar a produção do cinema comercial nas escolas, a maneira de projetar também influi na posterior produção dos filmes/vídeos ali produzidos.

Diversas formas de ver, filmar e projetar foram propostas durante as oficinas de formação de cinema. Cada proposta gerou uma grande gama de invenções e possibilidades de ver a escola desde variados pontos de vista.

Referência bibliográfica:

- DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995.v.1.
- DUBOIS, P. *Cinema, vídeo, Godard*. Trad. Mateus Araújo Silva. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.
- FRESQUET, A. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.
- LÓPEZ, M. V. A escola como lugar de suspensão. In: *Encontrar escola*. KOHAN, O.W; MARTINS, F.F.R.; NETTO, M.J.V(org.) Editora Lamparina e FAPERJ, Rio de Janeiro, 2014, pp. 84-91.
- MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- MASSCHELEIN, J. ; SIMONS, M. A língua da escola: alienante ou emancipadora? In: LARROSA, J. (org.). *Elogio da escola*. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2017, pp. 19-40).
- MENOTTI, G. *Através da sala escura: espaços de exibição cinematográfica e Vjing*. São Paulo: Intermeios, ES: Prefeitura Municipal de Vitória, 2012.
- MICHAUD, P. *Filme: por uma teoria expandida do cinema*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.